



FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: DISCURSOS E SABERES SOBRE EXPERIMENTAÇÕES DE GÊNERO

Rogério Amador de Melo¹

Danielle Jardim Barreto²

RESUMO: Contemporaneamente, diversas discussões e problematizações a respeito às “novas configurações” de gênero vem produzindo desafios e embates teóricos até então sutilmente abordados pelos meios de comunicação e na academia como processos psicopatológicos, exigindo assim novos olhares e concepções sobre as questões de gênero, do agenciamento das relações que engendram a diversidade sexual, as identidades e sexualidades dissidentes. Portanto, o presente trabalho se propõe cartografar às produções de saberes no campo da Psicologia sobre os gêneros e as diversidades sexuais, e os efeitos que essa produção discursiva agencia na formação dos acadêmicos inseridos neste curso.

Palavras-chave: Formação em Psicologia. Agenciamentos discursivos. Gênero. Diversidade sexual.

Introdução

Considerando que os discursos e saberes produzidos na Formação em Psicologia estão inseridos no campo das ciências humanas em suas diversificações de conhecimento, sendo este considerado como o campo da ciência que tem por foco de intervenção e produção saberes o território subjetivo da existência humana, se faz pertinente visualizar o engendramento dos enunciados que são articulados rizomaticamente neste contexto.

A produção de saber não esta desconectada da história, a formação em Psicologia enquanto campo de saber dito autônomo advém da racionalização engendrada na modernidade através do projeto de afastamento da filosofia e aproximação das ciências médicas positivistas. Esta aproximação permitiu a construção de saberes fortemente vinculado as dicotomias saúde/doença, indivíduo/sociedade, à identificação psicodiagnóstica e cura das ditas

¹ Psicólogo. Aluno Especial no Programa de Pós-Graduação de Psicologia e Sociedade da UNESP/Assis-SP.

² Mestre em Psicologia e Sociedade/UNESP Assis. Docente do Curso de Psicologia da Universidade da Paranaense – UNIPAR/Umuarama-Pr.



anormalidades nos modos de viver contemporâneos. Esta formação psi pautada no modelo biomédico produziu ao longo da história práticas e saberes estigmatizantes, desconectados do contexto histórico e da realidade social.

Deste modo, a problematização desta pesquisa, entende as práticas discursivas da Psicologia como técnicas de subjetivação, por isso a necessidade de visualização das produções de saberes/verdades acerca do sujeito que é atravessado pelas práticas psi, que em até então (antes das diretrizes curriculares) enaltecia a formação clínica individualizada, entendendo o/a homem/mulher como seres em constante busca de si mesmos.

Em virtude dessas considerações, o objetivo que se enuncia nesta pesquisa é cartografar quais discursos, enquanto produção de saberes/verdades, estão se produzindo nos cursos de Psicologia acerca da práxis sobre os modos de existir do sujeito na contemporaneidade, no que diz respeito à diferença sexual e sexualidades dissidentes, além dos efeitos produzidos nos graduandos desde o processo de entrada no curso e sua respectiva finalização, problematizando a produção de saber na formação em Psicologia a partir da implementação das diretrizes curriculares e das especificidades de disciplinas que abordem essa temática.

1. E o 'verbo se fez carne': Saberes e normatizações sobre o/a homem/mulher-sexualidade/objeto da ciência e a Psicologia.

Para Foucault (1997), a produção de saberes sobre o homem pode pautar-se no entendimento de como e para que o/a homem/mulher busquem a si mesmos e do entendimento de sua finitude, e para experimentar a vida, precisamos estar afetados pelas verdades produzidas discursivamente.

Partindo do pressuposto que no tocante a sexualidade e padrões heteronormativos de gênero e seus papéis, a questão moral enuncia-se com mais força, dentro da Psicologia os referenciais teóricos e seus efeitos no processo de discurso de verdade sobre/para o sujeito precisam ser vistos a partir de uma demanda social que é dinâmica e epistemológica. Isso se dará através de uma leitura das configurações subjetivas e relacionais sobre o



corpo, o desejo e o sujeito, engendrados socialmente em discursos normatizadores.

É de relevância então, as contribuições que determinadas linhas teóricas multidisciplinares como, Estudos Culturais e a Teoria *Queer*, que auxiliam na desconstrução de saberes naturalizantes e normativos no que diz respeito a identidades e diferenças de gênero, abrem novas possibilidades de conhecimento e modos de existência.

Mediante esse contexto Kich (2008), afirma que na contemporaneidade diante do surgimento de novas concepções de gênero, tem-se trazido em discussão e levado em consideração de maneira primordial, principalmente no que diz respeito às sexualidades e as diferenças, não apenas os aspectos biológicos e psicológicos do indivíduo, mas também o atravessamento dos aspectos sociais, políticos, geográficos e antropológicos na construção desses novos modos de subjetivação do sujeito nas suas especificidades.

Para Britzman apud Quartiero e Nardi (2008), existe uma construção e uma negociação para que se possa co-existir uma identidade sexual, ou seja, ela é produzida por diversos fatores intrínsecos. Sendo assim, a busca dos diversos campos da ciência para uma maior compreensão e minimização das discriminações sobre gênero e multiplicidade sexual, vem trazendo na atualidade discussões no contexto tanto dos direitos humanos, da bioética, da inclusão social, da educação e de um novo olhar e posicionamento das políticas públicas em relação a tais comportamentos que emergem dentro da sociedade.

De acordo com Kich (2008), tais discussões são relevantes para o campo da pesquisa e do campo de produção como um todo, pois não tem como fechar-se a uma teoria ou a uma visão apenas, como a sociedade é dinâmica e, por conseguinte as relações que fazem parte dela, produzindo sempre o novo com seus desafios, rupturas, aceitações e rejeições; assim sempre haverá a necessidade de maiores investigações para visualizar as articulações complexas que engrenam os modos de subjetivação e a constituição da diferença de gênero e das sexualidades dissidentes.



Deste modo torna-se cada vez mais necessário a possibilidade de uma inserção nos campos dos saberes de uma pedagogia da diferença, que agenciem espaços nas rotinas pedagógicas e curriculares não mais em territórios distantes e superficiais sobre as identidades e diferenças. Mas estimulem problematizações sobre as questões políticas e de poder que configuram essas produções de verdades (SILVA, 2009).

As reflexões sobre diversidade sexual, identidades e sexualidades dissidentes dentro da formação em Psicologia têm grande pertinência, por seu objeto de estudo ser tão complexo e único, encontrando-se num território de espacialidade dinâmico de agenciamentos discursivos de saberes e verdades culturais, políticos e sociais.

Ao pensarmos então em identidades e sexualidades dentro da formação em Psicologia, precisamos mergulhar nas afetações dos processos no qual uma determinada identidade busca se afirmar num contexto histórico-cultural. Seja essa busca de afirmação e legitimação devido a um resgate e recuperação de uma “verdade” que deva ser culturalmente reforçada e posteriormente reafirme-a; ou uma busca de identidade onde esta é compreendida como flexível, num “tornar-se”, onde a mesma não determina completude e nem significado fixo, mas possibilidades de reconstrução e transformação (WOODWARD, 2009). Tal concepção tem abarcado as identidades também no âmbito da sexualidade, onde tem havido um ápice nas problematizações a seu respeito, sugerindo novas possibilidades de compreensão e de existência subjetiva do desejo.

2. “Existir é resistir”: Processos de subjetivação e produção de diferença nas experimentações da sexualidade.

No que diz respeito às novas possibilidades de existência e de entendimento em relação ao sujeito, seu desejo e sexualidade pondera Michel Foucault (1984), sobre o atravessamento de saberes/verdades epistemológicas que “determinam” e estabelecem campos subjetivos de existência e de experimentação do próprio corpo e do desejo. Uma delimitação de



possibilidades que são agenciadas por códigos simbólicos e discursivos sobre o desejo, a sexualidade e sobre o próprio sujeito, dentro de padrões hegemônicos e binários das práticas de poder contextualizadas e reafirmadas numa descontinuidade de discursos históricos.

Correspondendo segundo o autor a quatro dispositivos que emergem com força nesse contexto sobre os modos de subjetivação: “[...] natureza do ato sexual, fidelidade monogâmica, relações homossexuais, castidade [...]” (FOUCAULT, 1984, p. 17). Para Foucault então, o sujeito, a subjetividade são agenciados e produzidos num processo de subjetivação, onde não se pode dizer que exista uma constituição moral do sujeito sem modos de subjetivação.

Deste modo, é apresentado no campo relacional dos saberes problematizações que através das suas afetações tem de certo modo, desconstruído ou tentado desconstruir ‘verdades’ subjetivas sobre/para o sujeito, partindo das questões mais pertinentes durante toda a história humana, que é a questão da sexualidade. Dentro de uma visão foucaultiana, a subjetividade envolve agenciamentos rizomáticos de redes de afetações, a subjetividade “[...] tem a ver com o tempo e com o corpo” (CARDOSO, 2005, p. 345). Assim, pensar o sujeito e sua subjetividade é problematizar, articular discussões a respeito da temporalidade epistemológica que define esse corpo e seu possível território de desejo e existência.

Nesse sentido, sujeito, corpo e produção de saberes/discursos agenciam modos de subjetivação que capturam o entendimento de si e do outro, outorgando desejos e territórios subjetivos de sexualidade cerceados pelas relações de poder e o sujeito ético/moral.

Tal articulação se faz necessária pela constante produção de práticas de assujeitamento que permeiam o campo de afetações discursivas, que podem ser consideradas como novas práticas de controle e cerceamento subjetivo.

Pensando então em diversidade sexual, identidade e sexualidades dissidentes na formação em Psicologia, devemos articular e estimular problematizações sobre as questões políticas e de poder que configuram essas produções de verdades no tocante a identidades e diferenças (SILVA, 2009). Pois é nesse campo relacional de saberes/verdades que lidamos com a



multiplicidade de jogos que afetam o discurso psicológico sobre/para o homem e mulher na sua abrangência: “[...] fragmentarismo e mecanicismo x perspectivas mais amplas e integradas; subjetivismo x objetivismo; metalismo x materialismo; individualismo x coletivismo; naturalismo biologicista x perspectivas sociais e históricas” (PRADO FILHO & MARTINS, 2007, p. 15).

Ora, se a sexualidade e sua experiência são de ordem política de relações, a Psicologia tendo como primazia a atenção ao sujeito, também precisa se voltar às questões políticas de agenciamento dos desejos, do corpo e da própria sexualidade do sujeito. Pois pensando neste contexto, “[...] estes não são dilemas do sujeito, mas sim de uma cultura e de uma sociedade que polariza qualidades que se ancoram nos corpos dos sujeitos” (PRADO FILHO & MARTINS, 2007, p.18).

Esta citação refere-se à certa política da subjetividade contemporânea, onde uma das modalidades de renegociação do desejo e da sexualidade parte do pressuposto de como entendemos e agenciamos esses saberes sobre o sexo. É notório, que epistemologicamente até meados do século XIX a sexualidade foi considerada um aspecto natural da vida humana, sendo foco de repressão e proibições pela sociedade e cultura ocidental. Deste modo, estratégias de controle e normatização da sexualidade tornou-se carro chefe dentro da sociedade, que tinha como maior agenciador as técnicas e procedimentos psicológicos.

Contemporaneamente com os deslocamentos subjetivos da sexualidade e novas possibilidades de experiência do desejo, não somente no campo da Psicologia, mas em diversas ciências, tem havido discussões e problematizações sobre tais questões, como preconizava Foucault em seus estudos, não tendo sua preocupação voltada para o que é “sexualidade”, e sim examinar sua produção, sua funcionalidade e como ela é agenciada na sociedade (SPARGO, 2006).

Com efeito, a Psicologia nesse contexto precisa ser vista como possibilidade e saberes de resistência aos processos de assujeitamento e sujeição, no tocante a diversidade sexual, identidades e sexualidades dissidentes (PRADO FILHO & MARTINS, 2007).



3. O que se pensa e o que se aprende: discursos sobre gênero na formação profissional.

Considerando os referenciais teóricos abordados para a problematização deste trabalho, pode-se pensar num engendramento de agenciamentos discursivos na Formação em Psicologia produzindo saberes/verdades que atravessam as questões relacionadas a gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes. Sendo que, tais atravessamentos se dão a partir de enunciados epistemológicos sobre essas temáticas, demarcando deste modo territórios subjetivos de desejo, de experimentação do corpo e da própria identidade.

Assim, partindo de um procedimento cartográfico e de uma análise genealógica e crítica dos discursos enunciados nas entrevistas realizadas, com 16 acadêmicos do primeiro e do quinto ano de dois Cursos de Psicologia, um vinculado a uma instituição de ensino superior pública e outra privada, nos dá a ver fragmentos da produção discursiva sobre gênero em suas vertentes na Formação em Psicologia atualmente. Partindo então desses pressupostos, foram delimitados três analisadores, que Baremlitt (1992, p. 114) define como: “[...] o que surge como resultante de toda uma série de forças contraditórias que se articulam neste fenômeno que aparece”.

Como se há de verificar, os discursos na sua materialidade têm sua funcionalidade social/cultural, seja mediante interdições ou produções de verdades/saberes que demarcam territórios de existência, ao qual abordaremos na próxima categoria de análise.

3.1 Discursos sobre gênero.

Ao pensarmos nos discursos produzidos pelos acadêmicos de Psicologia, e as divergências que existem entre eles, nos fica evidente o agenciamento dos atravessamentos desse controle, da seleção e da organização ao qual Foucault (1996) nos fala. Isto porque, clarifica o autor que essa tal divergência no campo do discurso se configura devido às interdições



que o atravessam por uma ligação com o desejo e o poder ao qual se pretende apoderar-se.

Nessa conformidade, os enunciados que emergem dos discursos dos acadêmicos que entram para Formação em Psicologia, tanto em uma universidade pública ou privada, remete a uma contextualização não “categorizada” a um referencial teórico psicológico, mas ao que a sociedade contemporânea seleciona, categoriza e apresenta culturalmente, como se pode perceber nas seguintes falas:

“Hoje se tem mais acesso pela mídia que dá uma noção do que se refere sobre gênero e diversidade sexual, mas ainda não está bem claro, pois antes a sociedade era muito rígida, mas hoje ainda é um pouco camuflado.” (Acadêmica do 1º ano – Universidade Pública).

“Tenho apenas uma noção sobre gênero, conheço o que é vinculado à mídia, mas do que se trata sobre sexualidades dissidentes não sei, pois não se fala muito sobre isso apesar da amplitude que tem se mostrado socialmente sobre essas questões” (Acadêmico do 1º ano – Universidade Privada).

De certo modo, percebe-se uma ampliação de conceitos e do próprio olhar sobre o sujeito na questão a gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes, mas ao mesmo tempo como ratifica o autor supracitado: “Existem, evidentemente, muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso” (FOUCAULT, 1996, p. 21). Por outro lado, ao analisarmos os enunciados dos discursos dos acadêmicos que estão se formando em Psicologia, a força de suas falas emerge de outra vertente de seleção e organização discursiva, ao qual Foucault (1996) apresenta com relevância ao pensarmos na “função do autor” (p. 29). Nos discursos dos acadêmicos do quinto ano de Psicologia, percebe-se uma suposta necessidade de responder as questões relacionadas a tais temáticas, de um lugar específico, ou seja, pautado sobre referências teórico-metodológicas da Psicologia.

“É discutido desde o início dentro da Psicologia Social e Institucional, onde trabalha a educação sexual. Com a formação mudou muito a concepção que tinha antes sobre o assunto, agora é mais pertinente essa temática” (Acadêmica do 5º ano – Universidade Pública).



“Segundo Simone de Beauvoir é uma construção social e cultural. O sujeito se faz enquanto gênero” (Acadêmica do 5º ano – Universidade Privada).

Assim, os discursos partem da função que esse autor-acadêmico tem ou pretende ter num contexto social e cultural, ou seja, nas interdições e demarcações subjetivo-discursivas de um recorte de diferentes prismas de visão de mundo e de homem. Pois “[...] este jogo de diferenças é prescrito pela função do autor, tal como a recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica” (FOUCAULT, 1996, p. 29).

Neste sentido, ao analisarmos os enunciados discursivos e suas divergências, entre os acadêmicos que entram na Formação em Psicologia e os que se formam independentes de universidade pública ou privada, o atravessamento de referenciais que são postos num agenciamento rizomático na circulação desses discursos, demarca territórios subjetivos a partir de um suposto saber sobre gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes. Nessa perspectiva podemos dizer que ao mesmo tempo em que na atualidade apesar de aparentemente apresentar uma visibilidade maior e uma problematização sobre tais temáticas, seja num contexto social/cultural amplo ou dentro da academia, ainda existe uma necessidade de demarcação de territórios subjetivos, ao qual segundo contribuições da Teoria *Queer* essa materialidade do gênero, da sexualidade e do próprio desejo se dá a partir de renegociações da vida erótica e das formas que socialmente entendemos o sexo (SPARGO, 2006).

No que tange a Formação em Psicologia, os discursos pautados no contexto de gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes, se apresenta com força num processo de desconstrução e construção de saberes/verdades que o acadêmico tem sobre o assunto, dentro de uma diversidade de jogos que agenciam os discursos psicológicos (PRADO FILHO & MARTINS, 2007).



3.2 Saberes e Gênero

Por todo o exposto, os discursos na sua materialidade têm sua funcionalidade social/cultural agenciados em enunciados de interdições e em produções de verdades/saberes que demarcam territórios subjetivos de desejo, de sexualidade e de experimentação do corpo. Nesse compasso, a partir da análise dos discursos sobre gênero na Formação em Psicologia, nas falas dos sujeitos ali inseridos, constatam-se tal atravessamento, seja a partir de um contexto epistemológico, cultural, metodológico-teórico ou midiático.

Diante dessas constatações, é pertinente pensarmos e analisarmos as forças desses dispositivos de saberes que atravessa de maneira rizomática o campo relacional e subjetivo do sujeito no processo de Formação em Psicologia, para tentar entender os efeitos de subjetivação na sua processualidade e funcionalidade discursiva.

Nessa conformidade é interessante pensarmos no que Foucault (1996) disserta sobre os discursos e os saberes/verdades que os agenciam, pois para o autor é nos meados do século XIX que emerge na sociedade a necessidade, ou melhor, “uma vontade de verdade” (p.16) que modifica todo o contexto social da época, que até então era somente articulado e referendado sobre “[...] o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido” (p. 15); principalmente no que diz respeito às questões que são consideradas mais inquietantes para a norma e moral social, como a loucura e a sexualidade. Tanto é assim que neste momento os discursos passam a ser agenciados através de procedimentos de controle e de delimitação, apoiando-se agora em um suporte institucional que reconduz tais discursos a partir de “[...] um saber que é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (p.17).

No que diz respeito então às questões de gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes, a produção discursiva se dá a partir de enunciados produzidos no que diz respeito ao sexo, ao corpo e a moral social. Para tanto pensar em Formação em Psicologia dentro desse contexto, é cartografarmos os saberes/verdades que emergem sobre o sexo e subjetividade, bem como os



efeitos produzidos a partir dos seus agenciamentos. Pensando nesse prisma, a evidência dos fatos se dá nas falas dos entrevistados que ratificam o assunto:

“O humano é um sujeito mutável, mas não tão livre assim, onde o ego é a maneira de lidar com a vida, sendo o gênero uma expressão da pessoa”. (Acadêmica do 5º ano – Universidade Privada).

“O ser humano depende da visão de homem de cada um”. (Acadêmica do 5º ano – Universidade Pública).

“O ser humano está vivendo só no externo, numa época de transição com mais escolhas para fazer sobre sexualidade, mas que ainda são limitadas”. (Acadêmico do 1º ano – Universidade Particular).

“O ser humano é completo, onde seu desejo é plástico/flexível, mas controlado pelas normas”. (Acadêmico do 1º ano – Universidade Particular).

Deste modo é de verificar-se que, os saberes articulados e postos sejam no âmbito do senso comum ou de cunho científico, engendram os discursos sobre tais temáticas emergindo efeitos de força não somente na produção de subjetividade, mas também na demarcação de territórios de desejo, de experimentação e de subjetivação. Isso se dá por o indivíduo ser considerado:

[...] portanto, o alvo desse esquadramento histórico. Esquadramento se refere ao conjunto de práticas políticas e sociais: são as disciplinas, os exames, as vigilâncias, por exemplo. Todas elas responsáveis por instaurar uma fina película reguladora das estratégias de poder (SOLER, 2008, p. 575).

Esses dispositivos de força se configuram de maneira mais intensa quando se tratam de questões como a sexualidade e suas vertentes, que indireta ou diretamente tem grande pertinência no contexto da moral social no seu processo epistemológico. Na atualidade esses pressupostos são evidenciados e problematizados com mais afinco a partir de uma visão *queer* ao qual, busca-se uma desconstrução do binarismo hegemônico que é predominante no que diz respeito à produção de saberes/verdades sobre gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes.

É de ser relevado pensando na Formação em Psicologia e nos saberes engendrados nesse processo que, a Psicologia como ciência surge num momento histórico onde o contexto social se configura em relação à



sexualidade e sua diversidade, num campo relacional de conflitos intensos, devido a existência de um “discurso sobre a ‘verdade’ do sexo” (TEIXEIRA FILHO, 2011, p. 57). De certo modo isso demarca o que se entende sobre sexualidade e a partir daí a normatização de dispositivos que a reafirmem, a categorize e a faça circular dentro de padrões estabelecidos pela norma social predominante, ao qual Foucault (1979) vai delinear como uma processualidade e funcionalidade do biopoder e da biopolítica sobre o corpo, sobre a subjetividade e sobre o desejo.

3.3 Desconstrução do Gênero Identitário.

Como referendado nas categorias anteriores, o discurso sobre gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes é engendrado num agenciamento de saberes/verdades na sua materialidade e na sua circulação, sendo que os mesmos estão pautados e produzidos em redes de interdições, de normas morais e de uma suposta “verdade” sobre o sexo. Por isso, muito se tem discutido, recentemente, acerca de gênero e identidade se configurando de certo modo uma demanda social ao ser olhada e pensada também no campo psicológico.

Para tanto, problematizar sobre subjetividade em todo o seu contexto na Formação em Psicologia, dentro das demandas que emergem constantemente na sociedade, se fez pensar e discutir novas propostas metodológicas e práticas estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares, ementários e planos de ensino. Essa realidade conforme Perez e Moura (1999) acontece devido a uma busca de uma formação generalista que propicie aos que adentram a formação um comprometimento maior com as questões sociais, sendo considerados agentes de transformação nesse processo de afetos e afetação.

Apesar de muitas divergências a respeito de tais propostas de mudança, têm ocorrido de certo modo segundo os autores supracitados, uma ruptura com alguns modelos e práticas num âmbito ainda biomédico, possibilitando através de uma bricolagem de conhecimentos a “[...] possibilidade da Psicologia vir a constituir um saber e uma prática capaz de apreender o ser humano em suas



situações concretas, nos âmbitos sócio-dinâmico, institucionais e comunitário” (SILVA, 1992 apud PEREZ & MOURA, 1999, p.13).

Não é mansa e pacífica a questão, como percebido nos enunciados dos entrevistados que apresentam divergências no seu contexto, a partir de afetações de discursos/saberes que delimitam, ou até mesmo categorizam o desejo, a experimentação, a identidade e a diferença. Assim, é pertinente trazermos para a análise essa bricolagem de conhecimentos que atualmente vem problematizando e contribuindo para pensarmos no gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes em Psicologia.

Partindo do entendimento foucaultiano sobre sexo e seu agenciamento pelo biopoder e pela biopolítica, pensar então em gênero é analisar que o conceito de identidade de gênero ou gênero “[...] agrupa aspectos psicológicos, sociais, históricos, culturais, associados à feminilidade e à masculinidade por oposição ao sexo que designaria os componentes biológicos e anatômicos” (PORCHAT, 2011, p.46) É de verificar-se então que, algumas teorias trazem e problematizam uma desconstrução de um gênero identitário, que ainda é circulado discursivamente nos saberes/verdades sobre tal temática.

Deste modo, retomando o relato dos entrevistados descritos nas categorias anteriores de análise, dá para pensarmos que os discursos/saberes sobre a identidade subjetiva do desejo e da experimentação do corpo acabam afetados por esse sistema classificatório da diferença, dentro de um contexto binário e hegemônico da sexualidade articulado social e culturalmente nas relações (SILVA, 2009). De fato que nessa processualidade binária de classificação do gênero, do sexo, da identidade e da diferença, é que a Psicologia durante muito tempo acabou respondendo e dando vazão aos seus estudos e produções de saberes, até mesmo devido ao contexto epistemológico ao qual se encontrava e do que a própria ciência entendia como subjetividade (GUARESCHI & DHEIN, 2009).

A contribuição da Teoria *Queer* e dos Estudos Culturais, tem possibilitado a discussão e a problematização no campo psicológico como em tantos outros, sobre a desconstrução de políticas identitárias de gênero, que



demarcam territórios de existências e uma visão classificatória do sujeito a partir de sua diferença. Pois dentro de uma visão dos teóricos *queer*:

[...] gênero vai agrupar anatomia, identidade de gênero, desejo e prática sexual. Esses quatro itens supostamente guardariam coerência entre si, principalmente para um observador externo, ou seja, quando olhamos alguém, costumamos ver e esperar uma coerência de gênero nessa pessoa. Mas, do ponto de vista do sujeito em si, nem sempre acontece (PORCHAT, 2011, p. 43).

Por isso dentro desse contexto de desconstrução identitária do gênero que engendra e agencia a diversidade sexual e sexualidades dissidentes, é que Teixeira Filho (2011) apresenta para os profissionais e pensadores da Psicologia contemporânea que, é o momento oportuno onde a subjetividade tem se configurado em outras instâncias e a sexualidade heteronormativa tem se questionado, que se deve no campo psicológico agregar saberes/verdades que não produzam discursos/verdades classificatórios, mas que possibilitem campos de resistências e amplitude não de verdades fixas mas de experimentações existências numa plasticidade subjetiva de afetos e afetações.

Considerações Finais

De acordo com a argumentação desenvolvida neste artigo, podemos perceber num primeiro momento o atravessamento de discursos/saberes que agenciam não somente o campo de conhecimento, mas as próprias concepções sobre o sujeito e suas relações. A afetação engendrada no contexto relacional no tocante a gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes são articuladas e pautadas epistemologicamente sobre uma suposta “verdade” sobre o sexo no âmbito da moral social de classificação da identidade e da diferença a partir da demarcação de um modelo binário e hegemônico.

Atualmente, alguns teóricos têm trazido em pauta para essa discussão sobre gênero a necessidade da desconstrução identitária que demarca



territórios de desejo, de experimentação e de subjetivação. Dentre eles, se encontram teóricos da Teoria *Queer* e dos Estudos Culturais que vem contribuindo de maneira significativa, quando se pensa numa análise e problematização de tais temáticas.

É neste cenário, onde se é discutido questões relevantes sobre o gênero, diversidade sexual e sexualidade dissidentes, que a Psicologia como uma das ciências que tem a subjetividade como fonte de estudo e intervenção profissional, vem se reavaliando teórica-metodologicamente nas suas práticas psi, além dos discursos/saberes agenciados na sua formação. Para tanto, mediante a pesquisa realizada com acadêmicos de universidade pública e privada, a partir de sua entrada na Formação em Psicologia, bem como na sua saída, percebe-se a divergência de discursos/saberes entre os mesmos. Assim, a força que emerge como dispositivo de força nos enunciados dos entrevistados configura a partir da sua materialidade um atravessamento de saberes/verdades que se dão a partir da Formação em Psicologia, além do atravessamento discursivo de articulações de verdades sociais e culturalmente agenciados e vinculados nas relações.

É um processo de construção e reconstrução constante, que objetiva uma:

[...] emancipação psicossocial e cultural das pessoas, sem classificação, sem patologização e sem reducionismos teóricos, rompendo de vez com paradigmas binários, universais e essencialistas de manutenção ao sistema sexo/gênero/desejo que tanto impede o direito de ser [...] (PERES, 2011, p. 104).

Deste modo, a partir da implementação de Diretrizes Curriculares a Formação em Psicologia tem agregado ao seu campo uma bricolagem de conhecimento, que favorece o questionar-se a partir de outras vertentes que de forma alguma delimita, mas ao contrário abre possibilidades de olhar e acolher as novas demandas sociais. Isso não quer dizer, que ao se pensar nas produções discursivas e na produção de saberes/verdades sobre gênero, diversidade sexual e sexualidades dissidentes na Formação em Psicologia, não



temos que pensar e repensar nesse agenciamento de enunciados que podem ainda demarcar territórios subjetivos de experimentação, desejo, identidade e diferença.

REFERENCIAS

BAREMBLITT, G. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

CARDOSO, H.R.Jr. Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Assis, 18(3), p. 343-349. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Resumo dos Cursos no Collège de France (1970 – 1982)**; tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GUARESCHI, N. M. F.; DHEIN, Gisele. Formação em Psicologia: história, cultura e política. In: TATSCH, D.; GUARESCHI, N. M. F.; BAUMKARTEN, S. T. (Org.). **Tecendo Relações e Intervenções em Psicologia Social**. 1a. ed. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2009, v. 1, p. 64-73.

KICH, F.D. **Da Invisibilidade à Visibilidade Política: homossexualidade e processos de ruptura no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008 Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/RESENHA_FORUM_Pg_129_136.pdf

PERES, W.S. Tecnologias e programação de sexo e gênero: apontamentos para uma Psicologia política QUEER. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011.

PEREZ, E.; MOURA, G. A Psicologia (e os Psicólogos) que temo e a Psicologia que queremos: reflexões a partir das propostas de Diretrizes Curriculares (MEC/SESU) para os Cursos de Graduação em Psicologia. **Psicol. cienc. Prof**, Brasília, v.19, n.2,1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98931999000200003&script=sci_arttext



PORCHAT, P. A noção de gênero como operadora conceitual na clínica psicológica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011.

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**; 19(3): p.14-19, 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a03v19n3.pdf

QUARTIERO, E.T.; NARDI, H.C. Escola inclusiva e não sexista? Políticas Públicas e Produção de Subjetividades. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, agost. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST33/Quartiero-Nardi_33.pdf

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOLER, R.D.V. Uma história política da subjetividade em Michel Foucault. **Fractal: Revista de Psicologia**, Santa Catarina, v. 20, n. 2, p. 571-582, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/104>

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Tradução de Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Ed. UFJF, 2006.

TEIXEIRA FILHO, F.S. Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.